




APRESENTAÇÃO

Percebemos agora que desde o nosso número 4, de junho de 2015, não deixamos de fazer apresentações com algum tipo de menção à situação política e à educação no país, seja no texto propriamente dito, seja na logo, símbolo resultante da "Batalha do Centro Cívico", de abril de 2015: "Menos Bala, mais giz."

Este número não será diferente. Não podemos deixar de nos manifestar sobre o descalabro da política brasileira e como ela tem repercutido na educação e na cultura do país. E, repetindo o que dissemos no último número: enquanto isso, tentamos fazer nosso trabalho.

Para não assumirmos sozinhas o discurso do espanto e da revolta, emprestamos a voz para o reitor de nossa universidade, o professor Ricardo Marcelo Fonseca, que no último 15 de outubro escreveu uma mensagem para os professores, tratando do momento atual e... de liberdade. É importante para nós, professores e alunos.

Linguística, Literatura e Tradução estão contempladas neste número. Como um dos pontos altos entre os artigos, temos a tradução de um texto do professor Michal Starke, da Universidade de Tromsø, Noruega, apresentando a Nanossintaxe aos linguistas brasileiros.



Nas seções especiais, o nosso **Professor Convidado** é Fábio Akcelrud Durão, da UNICAMP, que discute os mecanismos particulares da arte brasileira a partir da obra de Arthur Bispo do Rosário. Nosso **Autor Convidado** é o poeta e tradutor Ismar Tirelli, respondendo, muito divertidamente, ao nosso **Questionário Proust**.

Boa leitura.

Janice I. Nodari, Ruth Bohunovsky e Sandra M. Stroparo
Editoras




MINHA MENSAGEM ÀS/AOS PROFESSORES/AS DA UNIVERSIDADE PÚBLICA

Ao felicitar cada um e cada uma a propósito desse dia 15 de outubro, dia do professor/a, gostaria de me remeter a essa missão tão grande para a qual nos dedicamos todos os dias: nós de certa maneira moldamos o futuro e “formamos” (essa palavra é tão emblemática!) os jovens. Para isso é que existimos. Se é verdade, como diz Guimarães Rosa, que “o homem nasceu para aprender, aprender tanto quanto a vida lhe permita”, nós existimos para realizar destinos. E fazer isso sempre abertos/as e sempre humildes, já que, como também dizia esse grande escritor brasileiro, “mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende”.

Mas estou seguro que vivemos momentos de perigo para a Universidade brasileira e exatamente por isso eu gostaria de ressaltar para a nossa comunidade acadêmica, nesse dia tão especial, o valor que nesses tempos mais está em questão: nossa liberdade.

Liberdade de subsistirmos (em tempos de arrocho orçamentário), liberdade de nos dirigirmos autonomamente (em tempos de mentalidades policiaescas e moralistas), mas sobretudo falo da liberdade de expressarmos nosso pensamento, em toda a sua riqueza e sua pluralidade. Ao contrário do que pensávamos há poucos anos, isso tem sido insidiosamente colocado em questão em nosso dia a dia, como que se pretendesse negar a liberdade desse nosso espaço: o movimento da escola sem partido, a retomada de um inquisitório “index” de autores “perigosos”, com o consequente patrulhamento da circulação de certas ideias ou a relativização da dimensão laica do ensino e do conhecimento são apenas exemplos pontuais. E o pior: isso tudo geralmente tem sido acompanhado de uma campanha, dos mais diversos grupos, para deturpar injustamente nosso espaço como sendo estritamente sectário, ineficiente e corrompido.

Por isso que, nesse dia, quero exaltar a importância de não renunciarmos jamais à liberdade do espaço universitário. Esse é o nosso maior valor e nosso maior patrimônio. Temos que lutar, com unhas e dentes, pela manutenção de uma radical



pluralidade no nosso ambiente, sobretudo em momentos de acirramento de posições como esse que vivemos. Temos que nesse ponto dar exemplo para a política e para a sociedade. Temos que ouvir respeitosamente a fala do dissenso. Sem isso, a Universidade perece e aquilo que temos de melhor se esvai.

Mas ao mesmo tempo, temos que nos posicionar e saber o que defendemos: um ambiente que respeite, valorize e cultive essa mesma liberdade; que contribua para uma cultura de cada vez mais direitos e de cidadania mais qualificada para todos/as; que vá, sem elitismo, em busca da efetivação da inclusão de parcelas histórica e socialmente vulneradas (como, por exemplo, as parcelas LGBTI, negros e negras, indígenas, quilombolas e mulheres); que jamais se coloque – na contramão do generoso legado que embala a razão de ser da Universidade – na direção do obscurantismo, do preconceito e da ignorância. Isso nada tem a ver com posicionamento ideológico à esquerda ou à direita ou com preferências políticas circunstanciais: tem a ver simplesmente com a preservação de um ambiente civilizacional e democrático em que a Universidade possa desenvolver o seu papel histórico.

Somos, como Universidade, uma das principais reservas da cultura, em tempos onde campeia a barbárie. E se é verdade, como diz Walter Benjamin, que “assim como o próprio bem cultural não é isento de barbárie, tampouco o é o processo de transmissão em que foi passado adiante”, a nossa tarefa mais urgente agora é justamente a de buscar separar a cultura da barbárie e denunciá-la. Devemos incrementar o nosso pluralismo e valorizar a nossa liberdade ao mesmo tempo em que não devemos ceder um palmo àqueles que demonstrarem estar contra a universidade, contra a ideia de liberdade em que ela se baseia e contra a cultura de direitos na qual, de acordo com a nossa Constituição, estamos fundados.

Professoras e professores: sejamos os/as porta vozes desses valores e dessa resistência, pois isso significa, nesses tempos perigosos, sermos os defensores/as da própria Universidade Pública!

Professor Ricardo Marcelo Fonseca
Reitor da Universidade Federal do Paraná
Em 15 de outubro de 2017.